mentalidade que encontra apoio nos citados textos sagrados.

Na terceira parte, Inventariando a Diferença, Soares inspira-se no historiador Carlo Ginzburg para analisar o discurso de Assia Djebar, nele considerando a presença de dicotomia cultural, mas também de circularidade, influxo recíproco entre a cultura materna e a cultura do colonizador, do que decorre sua ambigüidade. Finaliza com uma análise da recepção de sua obra, buscando captar a forma como esse olhar outro de Assia Djebar é percebido pelos principais leitores de sua obra. Nesse sentido, faz desfilar uma série de análises críticas sobre esta obra, publicadas na imprensa maghrebina e francesa, com vistas a inventariar algumas diferenças de leitura.

Conclui Soares que o discurso da romancista com relação a sua cultura, como o dos demais maghrebinos com formação francesa, resulta de um olhar circular (de dentro para fora/ de fora para dentro). Dessa forma, o olhar de Assia Djebar é um olhar crítico, já que filtrado pela cultura ocidental, mas, ao mesmo tempo, um olhar solidário que procura descobrir seu outro interior no sentido de uma redefinição de sua identidade cultural. E, assim, faz de sua obra uma denúncia contra a discriminação sofrida pelas mulheres de seu país, ao mesmo tempo em que se conscientiza dos véus invisíveis que também a recobrem e dos quais torna-se necessário desprender-se....

Cabe, mais uma vez, ressaltar a densidade do trabalho em foco, cuja autora vale-se de instrumental teórico sofisticado, transita com intimidade por questões e temáticas das mais variadas, manejando habilmente os conceitos, revelando extrema competência e rara sensibilidade. Sua argúcia em detectar e destrinchar cada ponto abordado, descortinando-o sob diferentes dimensões é algo digno de registro. Ao que se junta seu conhecimento de história cultural, de literatura, além de história de gênero, elementos que lhe possibilitaram dissecar a obra de Assia Djebar sob as mais diversas dimensões. Enfim, cabe festejar a publicação desta obra, contribuição das mais fecundas para a história de gênero, entrelaçada à problemática da colonização francesa na Argélia e ao estado atual daquela sociedade. O leitor(a) é assim premiado(a) com uma visão das mais ricas em que o objeto focalizado é articulado ao contexto mais amplo, quer social, literário, cultural, num estilo digno de nota pela sua leveza e beleza, proporcionando uma leitura das mais agradáveis, em que pese sua qualidade.

RACHEL SOIHET■

Mulheres fora do gueto

Cadernos Pagu - gênero, narrativas, memórias, nº 8/9.

Campinas, 1997.

Reunindo artigos de especialistas em antropologia, sociologia, literatura e história, o volume dos *Cadernos Pagu* dedicado ao tema Gênero, Narrativas, Memórias caracteriza-se por uma visível heterogeneidade, tanto no que se refere aos objetos examinados, quanto no que diz respeito aos enfoques adotados. Embora existam certos desníveis em relação, por exemplo, à profundidade das análises e à construção dos objetos, tal diversidade proporciona ao leitor a oportunidade de refletir sobre as diferentes perspectivas que vêm informando os estudos que se debruçam sobre registros, memórias e práticas femininas e/ou masculinas. Dada a impossibilidade de examinar detidamente todos os textos, façamos, pois, uma breve apresentação de cada um deles.

Embora em todos os textos possamos observar uma preocupação mais ou menos explícita no sentido de enfrentar as questões teórico-metodológicas que vêm norteando os recentes debates acadêmicos em torno do enfoque de gênero, em três deles tal preocupação revela-se prioritária. Assim, Marilyn Strathern professora do Departamento de Antropologia Social da Universidade de Cambridge, discute as "práticas acadêmicas dos anos 80 em torno da desconstrução", a partir das concepções ocidentais pautadas em pressupostos construcionistas e nos conceitos de cultura, colocando

ambas "sob a perspectiva das concepções melanésias". Saberes e práticas da antropologia e do feminismo são, deste modo, questionados enquanto capazes de viabilizar a compreensão de concepções e experiências culturais profundamente distintas das ocidentais.

Refletir sobre as possibilidades de "construção de uma **outra história** da ação política", especialmente a que se refere aos partidos de esquerda, a partir de um enfoque pautado na articulação dos espaços público e privado, levando-se em consideração as "tensões, conflitos e complementariedades entre os papéis masculinos e femininos", revela-se a preocupação fundamental do artigo de Marco Aurélio Garcia, professor do Departamento de História da Unicamp. Avaliando os percursos de uma pesquisa coletiva sobre trajetórias femininas, baseada em narrativas orais e escritas, Suely Kofes, professora do Departamento de Antropologia da Unicamp e Adriana Piscitelli, doutoranda em Ciências Sociais na Unicamp, discutem, no artigo intitulado Memória de 'Histórias Femininas, Memórias e Experiências', aspectos fundamentais da questão de como estabelecer um nexo entre gênero, memória, experiência e narrativa.

Os demais artigos podem ser apresentados, ao meu ver, através de dois recortes básicos. O primeiro refere-se às falas e experiências de mulheres, através das quais busca-se recuperar não apenas dimensões sócio-culturais e intimistas do cotidiano feminino, mas também aspectos da relação entre feminismo e religião ou, ainda, da militância política feminina. Assim, Philippe Lejeune, professor de literatura na Universidade de Paris XIII, discute as contradições e ambigüidades que permearam a escrita de diários por jovens francesas pertencentes às classes dominantes, entre 1850 e 1880. De uma perspectiva bastante distinta, a antropóloga Mariana Pantoja Franco faz uma leitura dos diários de uma jovem seringueira, Ivanilde, através de um diálogo estruturado sobre duas dimensões da sua fala, vista, de um lado, "como um canal de acesso à vida social no interior das florestas do Alto Rio Juruá" e, de outro, como "depoimentos intimistas".

Analisando a produção teológica de católicas e protestantes, Fabíola Rohden, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, examina aspectos importantes que vêm marcando o *processo de construção da relação entre feminismo* e religião, procurando dar conta das especificidades e das aproximações entre as estratégias de atuação de católicas e de protestantes. Reconstituindo a "experiência feminina do Anarquismo", através da trajetória da vida de Luce Fabbri, os objetivos do artigo de Margareth Rago, professora do Departamento de História da Unicamp, orientam-se, sobretudo, no sentido de questionar a "imagem que se construiu historicamente em torno do anarquismo e do lugar político ocupado pelas mulheres na América Latina".

O segundo recorte circunscreve-se às representações e/ou práticas relativas à relação homem-mulher, ao amor, ao casamento e à família. Através da análise de dois romances de Nelson Rodrigues - *Meu Destino É Pecar* e *O Casamento* -, Berta Waldman, professora do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, propõe-se a examinar "aspectos da produção literária 'feminina'" do referido autor, procurando "estabelecer as relações entre o clima de paixões irrefreáveis, de violência incontida, com a família e a ordem social instituída". Privilegiando o contexto da cidade de São Paulo dos anos 1920, Mônica Raisa Schpun, doutora em História pela Universidade de Paris VII, se dispõe a investigar o "sentido social" conferido à temática do "amor conjugal" no debate difundido pela imprensa feminina paulistana e pela literatura (obras produzidas por mulheres e pelos autores do modernismo paulista), buscando identificar e discutir a presença de "conflitos mais profundos e sinais de transformação", situados "para além de uma simples iniciativa disciplinar que visaria, para as mulheres, reforçar a identidade entre amor e casamento".

As transformações nas estratégias de casamento e suas possíveis implicações "para as mulheres e suas experiências, processos e identidades marcados pelo gênero" são analisadas por Margo L. Matwychuck, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Victoria (Canadá), através da história de uma família de usineiros da Paraíba. Examinando a correspondência e as memórias produzidas por membros da família Pacheco e Chaves, a socióloga Rosana Catelli reflete sobre os significados da "prática de escrever cartas pessoais, arquivar documentos e produzir memórias", como uma prática eminentemente feminina, comum entre as famílias da elite paulista.

Em muitos destes artigos observamos uma preocupação explícita no sentido de enfrentar as principais questões suscitadas pelos debates *que propõem um redimensionamento dos estudos* que tomam as mulheres como objeto de investigação a partir do enfoque de gênero,

estruturado, conforme sublinhou Joan Scott[1], em três princípios fundamentais. Referida ao âmbito das diferenças culturais e, portanto, historicamente construídas, a categoria **gênero**, começaria a ser utilizada pelas feministas norte-americanas preocupadas em refutar o determinismo biológico inevitavelmente expresso em termos como "sexo" ou "diferença sexual". Além disto, o referido enfoque pressupõe que as representações da feminilidade, construídas e vivenciadas historicamente, só podem ser compreendidas a partir de seu aspecto relacional, desmistificando-se, assim, a crença na possibilidade de se tomar as **mulheres** como categoria de análise isolada. Por fim, os significados das relações entre os gêneros, vistas como integrantes de um universo mais amplo, diversificado e complexo, não podem ser desvinculados das dimensões sociais e étnicas (ou raciais) que permeiam as diferenciações que caracterizam uma dada sociedade.

Tais pressupostos vêm informando diferentes perspectivas teóricas que norteiam os estudos sobre mulheres e/ou relações de gênero, suscitando muitas controvérsias fundamentais para o enriquecimento das reflexões acerca destas temáticas desenvolvidas em diversos campos das ciências humanas. Os artigos que integram o volume Gênero, Narrativas, Memórias dos *Cadernos Pagu*, ilustram a articulação entre muitos destes embates e os impasses colocados pelas análises concretas. Como observa Margo Matwychuck em seu artigo, "incorporar mulheres em relatos históricos - não apenas como outra categoria ou elemento, mas como participantes ativas e seres com subjetividade - ... não tem sido fácil". Neste sentido, como salientou Maria Clementina Pereira Cunha, talvez seja "útil insistir na necessidade de levar adiante o debate sobre os significados de recortes como gêneros, etnias ou raças e sua necessária vinculação à história social"[2].

As dificuldades que têm marcado a incorporação das mulheres nos relatos históricos nos remetem a muitas outras questões, entre as quais poderíamos destacar, por exemplo, a necessidade de se superar a rígida separação entre os espaços público e privado, rompendo-se de forma radical com a oposição reducionista público/homens *versus* privado/mulheres. Mesmo porque, conforme observa Marco Aurélio Garcia neste volume, "é falsa a 'masculinização' absoluta da esfera pública da mesma forma que a 'feminilização' total da esfera privada". Tal ruptura constitui-se num dos aspectos fundamentais para assegurar às relações entre os gêneros um lugar na história ou, nas palavras do referido autor, retirar "a história das mulheres do *gheto*".

---

[1] Cf. SCOTT, Joan. *Gênero:* uma categoria útil de análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991; e, *idem*, História das Mulheres, *in* BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História*. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p. 63-95.

[2] CUNHA, Maria C. Pereira. De Historiadoras, Brasileiras e Escandinavas: loucuras, folias e relações de gêneros no Brasil (século XIX e início do XX), *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 3, nº. 5, jul. 1998, p. 185.

MAGALI GOUVEIA ENGEL ■

Uma erótica da prótese e da exuberância

Engenharia Erótica: travestis no Rio de Janeiro = Erotic Engineering: tranvestites in Rio de Janeiro.

DENIZART, Hugo (versão inglesa de Úrsula O'Neall).

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

"(...) o travesti é uma coisa que é absurda, tanto que todas as sociedades têm o travesti como uma afronta e não aceitam (...)"
(Travesti Beatriz)

Capaz, simultaneamente, de suscitar os maiores preconceitos e de experimentar enor-